

RELATOS DAS MULHERES QUE CONQUISTARAM VOZ E ESPAÇO NAS SAGRADAS ESCRITURAS

STORIES OF THE WOMEN WHO WON A VOICE AND SPACE IN THE HOLY SCRIPTURES

Silvano Alves dos SANTOS, Padre Religioso do Instituto Missionário São José, Bacharel em Filosofia (UNITAU) e Teologia pela faculdade Dehoniana. Pós-graduado em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia, em Sagradas Escrituras e em Ciências Religiosas pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos-SP, em pareceria com a Faculdade de São Bento.*

Resumo

O presente artigo, tem como objetivo apresentar relatos de mulheres que conquistaram voz e espaço nas Sagradas Escrituras, como Rute, Judite, Tamar, Abigail, Raab, Maria Madalena e Maria. Trata-se de mulheres inseridas em contextos sociais distintos, que enfrentaram a estrutura patriarcal por meio de táticas cuidadosamente articuladas, diante de sujeitos que impunham uma postura androcêntrica em uma esfera cultural cujo propósito exclusivo era marginalizar as perspectivas femininas. Este estudo visa conduzir o leitor a uma apreciação mais aguçada do texto narrativo bíblico-literário, buscando dar visibilidade às mulheres, não com um discurso verborrágico e infundado, mas a partir de um breve estudo hermenêutico que traz em clarividência o papel feminino na sociedade, na Igreja e no mundo. Conclui-se que a releitura dessas figuras contribui para a ampliação das perspectivas interpretativas acerca da atuação feminina no contexto das Sagradas Escrituras.

Palavras-chave: Mulher. Sagrada Escritura. Universo feminino. Patriarcalismo.

Abstract

This scientific article aims to present accounts of women who gained voice and space in the Holy Scriptures, such as Ruth, Judith, Tamar, Abigail, Rahab, Mary Magdalene, and Mary. These women are situated in different social contexts and confronted patriarchal structures through carefully articulated strategies, facing individuals who imposed an androcentric stance within a cultural sphere whose exclusive purpose was to marginalize female perspectives. This study seeks to lead the reader to a deeper appreciation of the biblical-literary narrative text, aiming to give visibility to women—not through verbose or unfounded discourse, but through a brief hermeneutical study that clarifies the role of women in society, in the Church, and in the world. It concludes that rereading these figures contributes to broadening interpretative perspectives regarding women's roles within the context of the Holy Scriptures.

Keywords: Woman. Holy Scripture. Feminine universe. Patriarchalism.

Introdução

Estudar as Sagradas Escrituras é, ao mesmo tempo, fascinante e desafiador ao pesquisador que busca conhecer e realizar uma hermenêutica bíblica com profundidade no que diz respeito aos acontecimentos narrados, dentro de um contexto peculiar que, neste caso, destaca-se não só

* E-mail: silvanospalves@gmail.com

na participação da mulher na história da salvação, mas também no seu protagonismo feminismo. Pode parecer ousada dizer tal afirmativa quando o leitor realiza uma leitura superficial dos textos bíblicos que passam quase despercebidos, já que a estrutura patriarcal não proporcionava conceder espaço e voz às mulheres, principalmente uma visibilidade que enaltecesse sua força, coragem e resiliência.

Todavia, à medida que o leitor permeia as páginas dos textos sagrados das narrativas bíblicas, buscando conhecer o seu contexto local familiar, a revelação das mulheres da Bíblia tende a ganhar maior evidência quanto à sua ação e atuação. Isso evidencia seu desempenho e determinação dentro do plano divino, no qual algumas se destacaram. Nesse contexto, foram vistas como desbravadoras e protagonistas, o que revela suas virtudes e as configura como modelos de liderança feminina: profetizas, líderes e interventoras.

Deste modo, este artigo tem como eixo central o estudo de personagens femininas que os textos bíblicos e comentadores evidenciam como possuidoras de uma personalidade marcante, reconhecidas pelo autor sagrado, assim como as heroínas da Bíblia. Entre estas mulheres, destacam-se: Rute, Judite, Raab, Abigail, Tamar, Maria Madalena, Maria. Todas foram virtuosas e sábias, que prudentemente, usaram a posição social que ocupavam para agir de forma eficaz, demonstrando seu potencial de liderança. Tinham como características em comum a proatividade e resistência ao patriarcalismo. Elas elevaram suas vozes e conquistaram seu espaço, com a ajuda da soberania de Deus, que nunca compactou com aqueles que as emudeceram, restringindo seu protagonismo feminino.

É pensando neste caminho que recorreremos ao aporte teórico constituído pelos comentadores Cavalcanti (1986), Esteves (1994), Ferreira (2023), Storniolo (2008), Mesters (1991), Quirino (2022), Suzuki (2024) e Sturhlmuller (1975). Esses autores perceberam a movimentação dessas mulheres, que reivindicaram seus direitos por meio de estratégias específicas para garanti-los diante de usurpadores que tentaram aproveitar-se de sua vulnerabilidade. Tais tiranos, amparados por uma lei que os favorecia em diversos aspectos, impunham desvantagens que colocavam em risco a vida dessas mulheres, privando-as de uma vida digna e da própria sobrevivência. A história de Rute e Noemi é marcada justamente por esse viés, observada em um contexto histórico repleto de dramas, lutas e esperanças.

Rute, símbolo de lealdade e generosidade ao próximo

Rute (em hebraico: רות) é uma das personagens de grande destaque no livro do Antigo Testamento, cujo título leva o nome de uma mulher e contém exemplos de uma figura feminina predominante de fé, força e bondade. Seu nome ‘Rute’ na etimologia hebraica tem um

significado específico, revelando o verdadeiro sentido de ‘amizade’, ‘mulher amiga’ ou leal, expressão que realmente explica o vínculo estabelecido entre ela e sua sogra Noemi. Neste livro revela-se o papel de Deus na existência dessas corajosas mulheres, que sobreviveram em tempos difíceis, marcados pela penúria, pela fome e desigualdade sociais.

É neste contexto complexo que observamos o percurso que Rute faz em sua vida conduzindo-a na busca de seus direitos. Para compreender essa questão, é necessário retomar o fator histórico retratado no relato bíblico sobre a vida desta corajosa moabita, que se casou com dois fazendeiros judeus. O primeiro, denominado Malom (cf. Rt 4,10) e o segundo, quando já viúva, chamado Booz. É válido ressaltar que Malom era filho primogênito de Elimeleque e Noemi (cf. Rt 1,2; 4,3) e Booz era parente de Elimeleque (cf. Rt 4,3). No livro de Rute, o narrador bíblico destaca que os dois filhos de Elimeleque se casaram com mulheres moabitas, união que, à luz da legislação judaica, apresenta tensões normativas. Tal situação pode ter passado despercebida, seja pela não observância da norma, seja pelo desconhecimento dessa restrição. No entanto, para um fiel observante da lei, essa hipótese seria pouco provável, uma vez que o povo da realidade local conhecia a lei, a tradição era zelosa em sua observância.

O relato bíblico descreve que a mudança dessa trajetória, perpassa não só o casamento realizado com as mulheres moabitas, mas também com a morte de Elimeleque seguido pelo falecimento dos dois filhos de Noemi. Diante desse acontecimento, a vida de Noemi é modificada e suas noras Orfa e Rute, são liberadas por ela para retornarem ao seu povo. Orfa, a cunhada de Rute, acolhe a proposta de Noemi e retorna a sua terra Natal. Já Rute, sensível à realidade que a cercava, manifesta sua solidariedade, e movida por seu profundo amor por Noemi, declara que jamais se separaria dela, senão pela morte: “Onde você morrer, eu também morrerei e serei sepultada. Somente a morte nos poderá separar. Se eu fizer o contrário, que o Senhor me castigue” (Rt 1,17). Firme nesse posicionamento, Rute reitera: “Não insista comigo. Não vou voltar e nem deixar você. Aonde eu for, eu também irei. Onde você viver, eu também viverei. Seu povo será meu povo, e seu Deus será meu Deus” (Rt 1,16).

Essa posição firme de Rute em permanecer com a sogra e solidarizar-se com seu povo contrapõe-se à declaração de Noemi que, ao chegar a Belém, atribui a Deus a amargura que sentia e insistiu que as mulheres a chamassem de ‘Mara’, em vez de seu nome, termo que, em hebraico, significa amargo (Rt 1,20-21).

Essa passagem é bela mesmo diante da contestação de Noemi em relação à sua própria vida. Rute age de uma forma silenciosa e firme. Dessa maneira, seu posicionamento coerente e virtuoso se destaca com sua chegada em Belém, pois Rute se aproveitou da época da colheita da cevada, que precede a colheita do trigo, para conseguir um meio de sustento para ela e para

sua sogra. Movida de sabedoria e liderança, ela coloca em prática a sua ação profética e não se acomoda diante dos acontecimentos que as deixaram em situação de desamparo. Pelo contrário, sua atitude mostra sua disposição em lutar pelos seus direitos. Nesse contexto, Rute passou a respigar nos campos de Booz, um parente rico e justo, reconhecido por sua boa reputação e bondade. Ele, por sua vez, favorece Rute em razão da confiança que depositou nela e, posteriormente, casou-se com ela, tornando-se o seu remidor.¹

Desta união de Booz e Rute, nasceu o primeiro filho do casal chamado Obed, que significa “servo”. Com o nascimento de Obed, a amargura de Noemi foi amenizada, e ela foi a sua ama (Rt 4,16).

Dessa forma, o livro de Rute descreve a missão do menino em preparar a vinda do Messias. O autor sagrado enfatiza com veemência que Davi não viria como rei dominador. A expectativa era que a promessa de um novo rei instaurada na vida do povo estava marcada de alegria e esperança, pois o novo Davi seria descendente de Obed.

Desse modo, a história mostraria a verdade e a promessa de Deus prevalecendo na vida do seu povo, principalmente quando havia a intenção de servir, colocando-se na condição de servo do Senhor, como está descrito no livro do profeta Isaías 42,6-7 ao abordar a missão. Essa missão fez com que o povo voltasse a viver como povo Deus, renascendo no meio deles a sua antiga profissão de fé: “Elimilec, isto é, “Meu Deus é Rei” (MESTERS, 1991, p. 75).

Nesse contexto, é observando o serviço e o chamado que compreendemos toda trajetória da ação profética de Rute, ao tomar a decisão de exercer espontaneamente esse chamado, desempenha de forma eficaz. Sua soberania feminina realizada com liderança de uma forma corajosa e sábia, foi fundamental nos momentos extremos de crises em que a resignação de outras lideranças ameaçava a vida do povo.

Como Rute, que age de forma ágil, temos também outras mulheres audaciosas na Sagrada Escritura que se destacam pela sua ação. É o caso de Judite que não se calou, mas que tomou decisões assertivas para salvaguardar o povo (Jt 8, 1s).

Judite, interventora notável

A história de Judite (em hebraico: יהודית) perpassa um período totalmente conturbado, período este que eclodiu a revolta dos Macabeus, quando a terra de Israel estava vivendo o processo de domínio e a ocupação greco-síria. Neste cenário, encontramos a história de fé e

¹ Esse casamento é pela via da lei do levirato (cf. Lv 25,25, 47-49; Dt 25, 5-10).

coragem de uma mulher chamada Judite que em hebraico significa ‘a mulher Judaica’, ou a judia, o que já a coloca em estreita relação com o seu povo (STORNILOLO, 2008, p. 47). Sua ação de bravura e heroísmo passou de geração em geração. Seu pensamento tinha um objetivo único: Deus e o seu povo.

Apesar da história de Judite ser pertinente e relevante aos nossos tempos atuais, o relato bíblico da vida dessa filha de Israel vai mostrar explicitamente a sua ousadia, determinação e sua ação diante do perigo que a cercava. Não se sabe ao certo quando a história desta nobre mulher judia de fato aconteceu, pois o que se tem conhecimento na verdade, é que seus atos foram registrados em um livro muito antigo, que levava seu nome em hebraico “Yehudit”.

Todavia, alguns historiadores afirmam que o texto original se perdeu e que a versão atualmente disponível consiste em uma tradução grega cuja precisão é objeto de debate. A história dessa heroína é contada e recontada em diferentes versões. De acordo com as tradições narrativas acerca de Judite, observa-se que ela era filha de Yocham, o Sumo Sacerdote, e viveu em uma época marcada pela revolta dos Macabeus, quando a terra de Israel estava sob a ocupação grego-síria.

É neste contexto que está situada Judite, uma judia temente a Deus que vivia de forma piedosa. Viúva de Manassés, residente de Betúlia, dedicava a sua vida à oração e ao jejum sendo muito respeitada em sua cidade por sua sabedoria e inteligência. Diante da tensão que Betúlia vivenciara após a invasão dos assírios, sua estratégia de salvação para seu povo era única e exclusiva: vencer o seu adversário Holofernes. Os homens, mesmo tomados pelo medo e insegurança, lutaram bravamente para repelir as forças inimigas. Holofernes, percebendo que não conseguiria derrotá-los com facilidade, adotou outra estratégia: subjugá-los por meio da fome e da sede, com a finalidade de levar o povo a se render (cf. Jd 7,12-15). Famintos e desesperados diante do cerco imposto por Holofernes, os habitantes da cidade se reuniram na praça pedindo a seus líderes que se rendessem antes que morressem suas mulheres e seus filhos (cf. Jd 7, 21-28).

Sob forte pressão, prestes a se renderem, algo aconteceu. Quando a notícia da rendição se espalhou, surgiu entre eles a jovem viúva Judite, que não concordava com a atitude dos chefes e anciãos. Ela os exortou com grande veemência, levando-os a revogar a decisão errônea e advertindo-os para que, como líderes, agissem com sabedoria. Assim, motiva-os a lutar pela vida do povo, honrando seus antepassados e confiando na intervenção divina – Deus Todo Poderoso (cf. Jt 8,11-27). Dessa forma, não permitiu que fossem caçados pelos povos e vizinhos, mas que, de modo confiante, se aproximassem do Senhor.

Com essa exortação de Judite e tomada de uma força vital extraordinária ela desafia sem receio todos em nome do Senhor ao traçar um plano definitivo para eliminar de uma vez por todas o seu adversário. Assim, usa de sua beleza e astúcia, infiltra-se no acampamento de Holofernes e conquista não só o seu espaço, mas também a sua confiança. Age de forma paciente, coloca em prática seu plano e mata o seu adversário, cortando-lhe a cabeça (cf. Jt 13,8).

Este foi o modo que Judite encontrou para salvaguardar a sua vida e de todo o seu povo abrindo espaço para um momento mais desejado por todos: a vitória de Betúlia. Cavalcanti classifica sua ação não mais como uma mulher simples, mas como uma imagem relacionada ao símbolo do povo pobre que resiste, recupera a sua memória e elabora uma contraideologia, que sustenta a resistência e a luta. Essa mulher produziu uma nova mística de vida, num momento em que reinava a morte. Judite faz renascer a esperança e resgata a dignidade da vida de todos ao seu redor. Não é por acaso que nesta mesma época, emergiu de maneira clara a fé na Ressurreição, e no livro em questão, foi uma mulher que, frente a uma violentíssima situação de morte, elaborou esta fé (CAVALCANTI, 1986, p. 47).

Esta constatação, a respeito desta mulher de fé em situações vivenciadas no âmbito da opressão, mostra que a luta de resistência não é só individual e sim coletiva. Foi justamente o que Judite fez em relação a essa realidade, contar com a ajuda de Deus e do seu povo. Sua vitória em Betúlia foi a resposta de uma oração sincera confiando na presença do Criador e exaltando sua fé no poder do Deus altíssimo. Este ato de bravura de Judite abriu precedentes para outras mulheres extraordinárias e proféticas, contempladas nas Sagradas Escrituras. É o caso de Abigail, esposa de Nabal, que agiu com prudência e sabedoria, dissuadindo o rei Davi e evitando uma crise.

A sensatez de Abigail

A definição de Abigail (’Ābīḡayīl significa "alegria do meu pai", "meu pai está exultante" ou "pai da felicidade") é vista sob a ótica de que “uma mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com suas próprias mãos”, ademais, uma mulher virtuosa “reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor” (Pro 14,1; 31,25-26).

Essas palavras ecoam justamente não só na vida de Abigail, mas no coração de todas as mulheres que eram prudentes em suas ações. Independentes de quaisquer circunstâncias, percalços ou contratempos agiam com naturalidade, aplicando a sabedoria e a prudência diante do caos. Neste sentido, podemos fixar os olhos em Abigail, a esposa de Nabal, que o livrou de

muitas situações escorregadias devido alta arrogância e prepotência. Se de um lado, temos Abigail que é modelo de coragem e sabedoria no agir, por outro lado, temos Nabal, um homem rude, insensato e imprudente que sempre colocava a sua família em risco de vida.

A essa questão, o relato bíblico em 1Sm 25 reporta com evidência que o comportamento de Nabal não era só conturbado, mas frequentemente hostil, tanto com os empregados, quanto com a sua esposa Abigail. Sua insensatez predominava e sua ignorância exalava revelando seu próprio caráter, sua autossuficiência. Sempre diante de uma intercorrência, Abigail agia com sabedoria para contornar quaisquer situações.

O texto bíblico detalha com especificidade que em uma dessas ações desastrosas, Nabal insultou os mensageiros que vieram pedir comida em agradecimento pela proteção aos pastores e seus rebanhos no deserto de Parã. Ele não só se recusou a ajudar, como também humilhou os homens de Davi, o futuro rei de Israel (cf. 1Sm 25,10-11). Abigail, sabendo do ocorrido e do risco iminente que se aproximava diante da ameaça que Davi fez ao seu marido e a toda sua família como forma de vingança, não perdeu tempo. Ela colocou-se em cena e agiu rapidamente com sabedoria. Em vez de esperar uma catástrofe decretada e esperar passivamente pela desgraça, Abigail preparou uma oferta e foi ao encontro do futuro rei (cf. 1Sm 25,35). De maneira calma e serena, buscou resolver o conflito, com o objetivo de persuadir Davi a desistir da vingança.

Nesse contexto, é notório que sua habilidade em contornar a situação, fez-se necessária, pois não poderia colocar em risco a sua vida e de sua família. Em razão disso, sua estratégia foi essencial, pois a situação era grave e ela optou por não justificar ou minimizar o erro de seu esposo, mas concentrou suas forças em corrigir a falha, como reparação diante da tragédia anunciada. Sua atitude foi de arrependimento e súplica para que não fosse derramado sangue e que Davi confiasse em Deus para julgar Nabal. Este gesto de humildade agradou o futuro rei que reconheceu em Abigail uma mulher de personalidade, de caráter e integridade. Essa narrativa demonstra que a diplomacia alicerçada na confiança em Deus evitou grandes tragédias.

Após o cessar dessa tempestade, dez dias depois, Nabal morreu em decorrência de um mal súbito. Davi, ainda impactado com a postura de Abigail, convidou-a para ser sua esposa. Ela não hesitou e tornou-se uma de suas esposas. Ela teve um filho com Davi chamado Quileabe (conhecido como Daniel) como mencionado em outras passagens (cf. 1Cr 3,1; 2Sm 3,3). Contemplando o legado de Abigail, e de outras figuras femininas, conclui-se que estas ocuparam um lugar especial, pois não se vitimaram diante das circunstâncias, mas se tornaram protagonistas pelas suas ações de trajetórias transformadoras. Nessa realidade, Tamar apresenta

as mesmas características de força. Com sabedoria, transformou sua sentença de morte e condenação em libertação, valendo-se de inteligência e estratégia em um contexto legal arbitrário que favorecia os homens em detrimento das mulheres.

O protagonismo de Tamar resgata a sua própria dignidade

Na esfera patriarcal, era comum ver as figuras femininas marginalizadas e subjugadas dentro do contexto ou situações em que viviam. Por exemplo, a narrativa que descreve a história de Tamar, (תָּמָר) que significa "palmeira" ou "tamareira", o fruto da palmeira) é desconfortável e descompromissante (Cf. Gn 38), pois o que se destacava nela era apenas a figura do patriarca Judá. Com efeito, leituras assim favoreciam somente uma única classe: a dos poderosos. Nessa visão patriarcal, as mulheres eram classificadas como classes inferiores ou “fracas” em níveis biológico, físico e também na esfera mental. “Com isso, elas eram desde o seu nascimento educadas para uma finalidade: ser submissas aos masculinos (homens)” (FERREIRA, 2023 p. 17).

Desta forma, “é preciso perpassar cada figura feminina e olhá-la não com o viés de poder, mas com o olhar de quem vê, de fato, subjugada e, acompanhar sua trajetória transformadora” (FERREIRA, 2023, p. 19). Na visão patriarcal a mentalidade que se tinha em relação às mulheres era de figuras submissas, emudecidas pelo patriarcalismo e androcentrismo em toda Bíblia hebraica e cristã (FERREIRA, 2023, p. 18). Entrando na mundividência de Tamar e de outras mulheres nas Sagradas Escrituras tais como: Agar, parteiras, escravas hebreias, Joquedebe, Zípora, Miriam, Débora, cinco filhas de Salfaad, Raab e Rute, observamos um movimento dinâmico e não estático de submissão. Pelo contrário, ao encontrarem o Deus libertador, que caminha com seu povo e que vê seus sofrimentos e angústias, essas mulheres, conscientes da sua posição, fizeram ouvir suas vozes e ocuparam um lugar de direito como protagonistas de Israel. Destacaram-se na história e afirmaram seu protagonismo por meio de posicionamentos que transformaram suas trajetórias.

Em Tamar, o seu percurso no primeiro momento foi de submissão em relação às decisões do patriarca Judá. Todas as decisões perpassavam pelo seu crivo, que com sua postura patriarcalista arranhou Tamar para ser esposa do seu primeiro filho, Her. As narrativas que descreveram sobre Her e seu irmão Onã refletiam a mistura cultural e religiosa dos povos hebreus seminômades com o universo cananeu. Para evitar filhos, por qualquer método, era válido e incentivado, mas para os hebreus era sagrado e exigente gerar filhos. Her e Onã agiram como os cananeus (FERREIRA, 2023, p. 52).

Como se vê, o contexto cultural da época enfatizava a importância da descendência para as mulheres que de certa forma eram avaliadas na maioria das vezes pela capacidade de gerar filhos. Na história de Tamar, Her (esposo) morreu sem deixar descendentes. O livro de Gn 38 relata que após a morte de Her, a viúva deveria casar-se com o irmão dele, Onã. Pela legislação hebraica (levirato), o segundo irmão Onã, deveria dar a Tamar um filho, que pela lei seria de Her.

No entanto, Onã não cumpriu seu dever e se recusou a ter filhos com Tamar, praticando atos reprováveis aos olhos do SENHOR sendo desobediente à lei do levirato e praticava o coito interrompido, derramando sua semente no chão para não ter um filho que seria do seu irmão falecido. Esse ato egocêntrico e de desonra ao pai levou o Senhor a matá-lo (cf. Gn 38,9-10). Após sua morte, caberia ao terceiro filho coabitar com Tamar. Essa série de tragédias deixou Tamar em uma situação de vulnerabilidade sem precedentes, na verdade, sem marido e sem os filhos ela ficou em risco social e econômico.

Com a lei do levirato em ação, a única saída de Tamar era casar-se com o terceiro filho de Judá, Selá, mas por razões temerosas de perder mais um filho, Judá devolveu Tamar ao pai, despedindo sua nora. É válido ressaltar que os cananeus não tinham a cultura do levirato. Após Tamar retornar ao seu ambiente, e ter passado pela experiência com os hebreus, sendo injustiçada, sem recursos legais que a protegessem, sem marido, sem filhos, na solidão, ela se converteu à lei hebraica do levirato (cf. Gn 38,8.11.14b.26b; Dt 25,5-10). Na verdade, seu desejo era único: que a lei triunfasse e que prevalecesse o seu direito de ter filhos (cf. Gn 38,26).

Sentindo-se abandonada, ao perceber as intenções de Judá e constatar que seu pretendente Selá já havia crescido, ela se viu, portanto, enganada e totalmente desprovida em todos os aspectos. O texto bíblico reporta que Tamar tirou o traje de viúva, cobriu-se com o véu e a partir daí, tomou uma decisão radical, já que não havia outra escolha, a não ser agir com esperteza. Ao tomar conhecimento que Judá passaria em Enaim, caminho de Timna, a fim de tosquiar as ovelhas, essa mulher cananeia tomou uma atitude ousada. Disfarçou-se de prostituta sagrada e atraiu Judá. Este, a convidou para dormir com ele. Neste encontro, há um diálogo e uma exigência de Tamar. Antes da consumação, como garantia do pagamento antecipado, ela exigiu um acordo (aliança) com ele, tomando-lhe o selo, o cordão de amarrar a cintura e o cajado. Conforme previsto, ela dormiu com ele e concebeu (cf. Gn 38,19), fazendo a vida renascer, realizando o projeto de Deus.

Com o seu desaparecimento por três meses, a gestação de Tamar foi descoberta e a atitude de Judá de imediato era exclusivamente uma única: aplicar a lei, aniquilar a sua vida, seguindo a legislação contra a mulher, concedendo a ordem que esta adúltera fosse aniquilada

por uma lei que favorecia a classe masculina. Porém, sua tática foi a seriedade em relação à condenação. Sua estratégia foi resguardada pela sua sabedoria ao aguardar o momento oportuno. Convicta que sua vitória seria certa, contra o patriarca, e muito esperada pela sua genialidade, ela usou do triunfo contra seu sogro e agora pai de seus filhos: “Eu estou grávida do homem a quem pertencem essas coisas” (SUZUKI, 2024, p. 132).

De forma planejada, Tamar não só faz a revelação da comprovação da sua gravidez, mas apresenta as provas: apresentou o anel, o cordão e o cajado. Essa revelação não apenas expôs toda a verdade, mas confrontou Judá com suas falhas e responsabilidades. Por isso, era necessário da sua parte o reconhecimento público. Os três objetos oferecidos como forma de pagamento antecipado a ela não só o derrubaram, mas fizeram ruir sua base quase incontestável, e com isso ele se humilhou e refez sua postura androcêntrica. Reconheceu-a por mulher com direito à maternidade.

Dessa maneira, Tamar e seus dois filhos gêmeos Perez (Fáres) e Zara foram salvos. Com sua ação, assegurou ao patriarca descendentes legítimos. Além disso, salvou a história da salvação e deu nome ao seu marido morto Her (levirato). O reconhecimento de Judá é, por certo, um testemunho de como o agir corretamente deve sobressair independente de quaisquer situações desafiadoras, pois a verdade será sempre revelada. Um fator de suma importância é que além do legado de Tamar ser essencial, os seus filhos, Pérez e Zerá, fazem parte da genealogia de Judá, e conseqüentemente da linhagem de Jesus. Esta menção, que é narrada em Mt 1,3, destaca o papel das mulheres nas Sagradas Escrituras e mostra que Deus pode chamar qualquer pessoa, independentemente de sua origem, a participar e cumprir Seus planos.

A história de Tamar, como a de tantas outras mulheres na Bíblia, revela força, ousadia, coragem e determinação de mulheres que enfrentaram grandes desafios para preservar sua dignidade e a continuidade de suas famílias.

Nas Sagradas Escrituras, a figura feminina, frente às suas ações, é notoriamente determinada, sobretudo quando percebe que sua vida está em risco. Mesmo diante de um cenário marcado por ameaças, essas mulheres encontram saídas plausíveis, como é o caso de Raab (רֶחָב - Rāhāb) que ajudou os espiões israelitas na tomada da cidade de Jericó.

Raab, uma heroína – símbolo de fé, coragem e fidelidade

No livro de Josué é relatada uma história muito peculiar que enalteceu uma personagem de grande admiração que não passou despercebida após sua atuação. Essa foi reconhecida como uma mulher inspiradora na fé e na confiança em Deus. E não é só isso! Além de ser uma das mulheres citadas na genealogia de Jesus, ela é a única mencionada dentre os

heróis da fé. Mas quem de fato é essa mulher? Ela é Raab, que tem um belo nome feminino que apresenta duas vertentes de origem. A primeira, do hebraico originado a partir de “Rahar” e a segunda rahav cujo significado é “abundante, amplo ou espaçoso”.

Na literatura bíblica, Raab é apresentada como uma prostituta ou hospedeira da cidade de Jericó. Vista como uma figura marginal, ela auxiliou os espiões israelitas ao protegê-los das autoridades locais. Sua estratégia tinha um propósito claro: acolhê-los em sua casa para poupar sua vida e a de toda sua família, obtendo proteção em retribuição ao auxílio prestado. Para isso, Raab solicita um juramento como sinal de uma aliança:

Jurem-me pelo Senhor que, assim como eu fui bondosa com vocês, vocês serão bondosos com minha família. Deem-me um sinal seguro de que pouparão a vida de meu pai, e de minha mãe e meus irmãos e minhas irmãs, e de tudo que lhes pertence. Livrem-nos da morte. Os homens juraram: “As nossas vidas pelas de vocês!”, os homens lhes garantiram. Se vocês não contarem o que estamos fazendo, nós a trataremos com bondade e fidelidade quando o Senhor nos der a terra (Jos 2,12-14).

Conforme o acordo firmado entre os espiões e Raab, no dia estabelecido para invadir Jericó, ela colocou uma identificação com fio vermelho em sua janela sinalizando que esta residência deveria ser poupada do ataque. E assim foi feito como descreve o próprio texto: “A cidade, com tudo o que nela existe, será consagrada ao Senhor para destruição. Somente a prostituta Raab e todos os que estão com ela em sua casa serão poupados, pois ela escondeu os espiões que enviamos” (Js 6,17). Por meio da sua cooperação, os israelitas conquistaram Jericó, Raab e toda sua família foram aceitos pelos israelitas, esquecendo-se do seu passado obscuro. Com uma vida nova, seu passado pouco importava, já que ela foi honrada por sua atitude de coragem e fé, sendo adotada como povo de Deus. E através da sua linhagem, Jesus nasce. Uma prostituta e as demais mulheres como Rute e Tamar e Betesebá, entram na genealogia de Jesus (cf. Mt 1,5), mostrando que no plano divino de Deus essas mulheres eleitas ocuparam papéis vitais de destaque na história de salvação, evidenciando assim, que por intermédio delas, a genealogia de Jesus entrou no mundo dos gentios, ou seja, tornou visível que a missão de Jesus se destinará a judeus e pagãos.

Embora a soberania do patriarcalismo fosse tão evidente na sociedade, tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo Testamento, esta hegemonia aos poucos foi sendo diluída diante do posicionamento das mulheres que lutavam pela sua conquista de espaço e voz. Essa mudança é perceptível não só pelo fato de algumas memórias femininas serem relatadas e terem a sua devida importância descrita pelos redatores, mas também pelo fato de suas ações proporcionarem uma riqueza feminina imensurável. Elas se tornaram protagonistas da

evangelização, conforme descrito no Novo Testamento, não como estorvo, mas agregadas aos projetos do cristianismo originário.

Essa realidade é importante e muito pertinente no NT, justamente por recordar que as memórias populares femininas tiveram bem próximas do acontecimento Jesus. Infelizmente, não são observadas as escolas teológicas institucionais como no NT. Porém, como veremos, as redações finais são mais simples e com poucas glosas. Mas isso não quer dizer que se não tivessem glosas em outros textos, por exemplo, no evangelho segundo João (por necessidades teológicas profundas e pastorais, foi acrescentado o cap. 21) e nas cartas de Paulo, relacionado por questões próprias da Comunidade (Ceia do Senhor). Mas após seu sufrágio, usurpou suas escritas, modificando-as e destoando o contexto, colocando-a em uma ala conservadora, um texto pautado sobre a mulher que deve usar o véu (cf. 1Cor 11,3-16). Esse acréscimo contradiz completamente a primeira carta aos Coríntios, pois Paulo era um homem que defendia a igualdade de gênero e a riqueza da vida matrimonial. Essa glosa, possivelmente, foi inserida por redatores da escola paulina, ou seja, após a morte de Paulo. Seus seguidores retornaram à mentalidade retrograda patriarcalista, procurando apagar a experiência comunitária que colocavam a mulher e o homem no mesmo nível de igualdade. Esse grupo elaborou como diz Ferreira “os códigos domésticos”, um retorno ao patriarcado (2023, p. 140). Estes códigos seriam uma espécie de assimilação cultural às mulheres que já conquistava seu espaço em seu convívio sem nenhuma intercorrência. Parece que a história, não queria só descrever os fatos, mas validar as leis que favoreciam os homens e não as mulheres.

Sob esta ótica, veremos como os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João compreenderam e apresentaram o evangelho, evidenciando o papel de diversas mulheres que doaram a vida às comunidades cristãs e se configuraram como ‘protagonistas da evangelização’. Isso demonstra que a transformação cultural evidenciada nos textos do Novo Testamento contribuiu para a construção de uma nova mentalidade, acolhida por Jesus, a qual influenciou, ao longo da história, diversos teólogos a reconhecerem a riqueza feminina até então pouco valorizada, em razão de uma estrutura dominadora e exacerbada dos homens.

Nesta análise, nota-se que o Magnificat de Lucas (cf. Lc 1,46-55) constitui a expressão da ação de Deus e de uma mentalidade profética manifestada por Maria durante a visita a sua prima Isabel. Nessa vertente, João descreve a respeito da Samaritana, como a missionária (cf. Jo 4) e também Maria Madalena como Apóstola dos Apóstolos (cf. Jo 20). Já o evangelista Marcos tem uma perspectiva diferente ao mostrar a atuação de uma estrangeira, a mulher siro-fenícia, que, para a comunidade dos anos 70 d.C., representa a superação de barreiras sociais e religiosas, ao sentar-se à mesa com cristãos, judeus e gentios, homens e

mulheres. Paulo e os helenistas revolucionaram na prática as atuações femininas no cristianismo originário.

Em uma leitura superficial a impressão que se tem de Paulo é de aversão às mulheres, mas um estudo hermenêutico, desvela o contrário: Ele sempre agregou as mulheres, isto, quer dizer, que há uma glosa exagerada nos textos (Romanos, 1 e 2 Coríntios, 1 Tessalonicenses, Gálatas, Filipenses e Filêmon) destoando do seu posicionamento.

É interessante observar que a visão de Paulo, é semelhante a dos evangelistas que exaltam as figuras das mulheres como referência, sendo introduzidas na genealogia de Jesus como Rute, Raab, Betsabeia e Tamar. Elas desempenharam papéis importantes na história da salvação, mostrando que a salvação é para todos, independentes da sua origem ou passado.

A presença feminina nos evangelhos além de ser significativa e reveladora traz uma mudança inovadora em relação às mulheres, principalmente em comparação com as normas sociais da época. Cabe ainda destacar que Jesus desafiou as expectativas sociais ao interagir com mulheres de forma respeitosa e igualitária, incluindo-as em seu ministério e reconhecendo sua importância como provedoras de recursos para o seu ministério, discípulas e testemunhas. Mulheres como Maria Madalena, que vem do hebraico Migdal (ou aramaico Magdala, significa torre ou fortaleza). Ela foi a primeira a testemunhar a ressurreição de Jesus e teve um papel importante em seu ministério.

Maria Madalena – Apóstola dos Apóstolos

Este é um título posterior atribuído já bem antes do Papa Francisco, que em 22 de junho de 2019, por ocasião da sua memória, reafirmou com veemência que ela se tornou a primeira discípula da ressurreição de Jesus (cf. Jo 20,16-18). Essa reafirmação é uma expressão significativa e expressiva por resgatar o papel preponderante de Maria Madalena e de outras mulheres como Joana, Suzana (cf. Lc 8,1-3). A partir delas é que foram se formando as primeiras comunidades da margem. Neste movimento, destacava Maria Madalena em um contexto complexo por ser mulher e marginalizada.

Deste modo, mesmo com toda essa complexidade, ela aderiu ao projeto de Jesus e esteve sempre ao seu lado desde a caminhada da Galileia para Jerusalém até junto à cruz. O texto de João Evangelista destaca que a mensagem da ressurreição foi atribuída a ela (cf. Jo 20,1-18). Além de ter o privilégio de realizar o primeiro encontro com o Ressuscitado, ela foi também a primeira a anunciar a vida nova.

No entanto, ao longo da história, o nome de Maria Madalena foi frequentemente confundido com outras narrativas envolvendo mulheres do tempo de Jesus, e sua identidade

original foi significativamente deturpada. Isso originou diversas lendas a seu respeito. Vale ressaltar que a verdadeira Maria Madalena, fazia parte do grupo de mulheres que acompanhavam Jesus. Podemos ver esta constatação em Lc 8,1-3, além de adicionar que ela é mencionada por todos os evangelistas canônicos (Mt, Mc, Lc e Jo). Isso ratifica o quão importante ela é, porque revela não como uma mulher comum, mas de grande destaque.

Infelizmente, muitos pregadores insistentemente têm afirmado aos ouvintes que Maria Madalena seria aquela mulher adúltera que estava prestes a ser apedrejada pelos escribas e fariseus, diante do flagrante adultério (cf. Jo 8,1-11). Esse equívoco recorrente, decorre, em geral, da falta de conhecimento de sua trajetória ou de uma leitura fundamentalista, o que tem ocasionado deturpações significativas de sua identidade.

Certamente, é a partir dessa narrativa que Maria Madalena foi associada à mulher prostituta. Na história, ela é representada, nas artes e na homilia, como uma prostituta arrependida, que recebeu o perdão de Jesus e tornou-se uma discípula fiel dele (FERREIRA, 2023, p. 190).

Retomando a história, Maria Madalena tantas vezes nos cristianismos originários, foi uma das líderes exímia, a primeira discípula a encontrar com o ressuscitado e a primeira anunciar a ressurreição de Jesus. O fato é que os quatro evangelistas a citam e a descrevem, revelando a sua essência e o que ela representa. Em Lucas, vê-se como embrião das comunidades femininas (cf. Lc 8,1-3), que além de participarem com Jesus, estavam ao lado dos Apóstolos e discípulos. Essa participação mostra que Jesus inova os costumes e a cultura da época. Não só chamou as mulheres, mas também as integrou ativamente em seu grupo.

À medida que vai desmitificando essa peculiaridade, entende-se que Jesus abre caminho às mulheres na Boa-nova do Reino. A evidência tornar-se-á, após sua ressurreição, tendo papéis influentes na Igreja Primitiva. Além disso, é retratado também o papel das mulheres que acompanham Jesus e seu grupo até a Jerusalém, conhecida como a ‘cidade da contradição’. O evangelista Mateus enfatiza a participação e atuação destas mulheres, ao narrar a Paixão de Cristo, apresentando a fidelidade do grupo feminino conforme o texto (cf. Mt 27,55-56).

O evangelista Marcos relata a fidelidade corajosa destas nobres mulheres seguidoras de Jesus crucificado e a visita ao túmulo (cf. Mc 15,40-41.47). Mesmo conscientes que todo o sinédrio conspirava ameaças e estava de conluio com o Império Romano, tramando a morte de Jesus, orquestrado para um grande espetáculo tanto no âmbito teatral, quanto no imoral, essas mulheres não se curvam. Elas em sua sutileza reuniram forças e com suas ações agiram e se posicionaram ocupando o seu devido lugar de direito.

Com Maria Madalena à frente, o êxito do grupo feminino levou sua missão com lealdade e responsabilidade junto ao mestre até o fim, mesmo que a estrutura patriarcalista (ESTEVES, 1994, p. 65-74) tivesse a pretensão de não só coagir, mas expurgar àqueles que fossem contrários às suas regras. Com isso, impor medo, causar insegurança era simplesmente uma constatação dos riscos e perigo evidentes dentro da repressão romana em momentos tão drásticos.

Sob essa ótica, o relato de João sobre Jesus, sua mãe, o discípulo amado e a presença de três mulheres: a irmã de sua mãe, Maria mulher de Cléofas e Maria Madalena (cf. Jo 19,25), é o momento em que João apresenta Maria Madalena como a mulher próxima do Senhor, junto ao suplício da cruz. É o momento mais drástico da história, em que as mulheres não só estiveram presentes no conflito e na tensão, mas também participaram da ‘hora’ de Jesus. Conhecedoras do local de sepultura do seu mestre, Maria Madalena e outras mulheres foram ao túmulo, no dia seguinte, no primeiro dia da semana (cf. Mc 16,1-2, Mt 28,1, Lc 24,1.10).

A construção do texto de uma forma minuciosa faz com que a cena de Maria seja envolvente. A exegese bíblica visa conduzir essa personagem a um nível mais elevado, levando-a do choro desesperador e da desolação pela morte de seu amigo ao encontro do Ressuscitado, o grande amor da sua vida (Ct 3,4), reconhecido e reencontrado. Ele falou com ela. Houve o encontro que provocou nela o ato de fé. Ao reconhecê-lo, ela diz, em aramaico, ‘Rabuni’ (רַבּוּנִי, ῥαββουνί) que significa, mestre. Nesse momento, Maria Madalena tem que sair da segurança estática e ir para a dinâmica de quem viu o Ressuscitado e está pronta para encontrar seus irmãos, a fim de anunciar a novidade, já que ela foi a primeira pessoa de receber essa incumbência de proclamá-lo. Tornou-se a primeira discípula por quem recebeu a missão de anunciar a ressurreição e de anunciar aos discípulos: “Eu vi o Senhor” e as coisas que ele lhe disse (v.18). Pode-se considerar que o reconhecimento do ressuscitado se dá partir do ouvir, da escuta. É o shemá Israel sendo colocado em prática. Quem ouve no sentido bíblico do shemá, acolhe, compreende, obedece. “O shemá, é, pois, a expressão da presença de Deus que fala a sua Palavra desperta para quem escuta” (QUIRINO, 2022, p. 72). Ao escutar sua voz, Maria Madalena é despertada para uma nova realidade: a vida venceu a morte! E assim, a missão que fora confiada a Maria Madalena se tornou o anúncio central da fé cristã, a ressurreição de Jesus.

Como observado, Maria Madalena não só se tornou a embaixadora, mas Apóstola dos Apóstolos, vista pelo cristianismo originário como fiel ao ressuscitado e ao seu anúncio (FERREIRA, 2023, p. 197). ‘Ver’ em João, é o mesmo que ‘crer’. Ela viu e compartilhou a eles o que Jesus dissera. Ela tornou-se a proclamadora da Palavra, a partir do encontro com Ele. Eis o ponto culminante da narração (cf. 20,1-18).

Com essa constatação, sua postura evidencia uma mulher de atitude e ação. Se Maria Madalena não tivesse agido dessa forma nem comunicando o que sabia, e se as pessoas não tivessem se ajudado umas às outras, o sepulcro teria ficado ali, e ninguém teria ido até lá. Nesse contexto, teria sido em vão a ressurreição de Jesus (MARTINI, 1990, p. 109-110). Desse modo, foi impressionante a atitude decisiva de Maria de Magdala. Em Jo 20, 11-18, o tema da perícopes é o encontro de Jesus, vivo depois da morte, com Maria Madalena, que simboliza a comunidade esposa, apresenta no horto-jardim o novo casal que começa a humanidade (MATEOS; BARRETO, 1989, p. 820).

Portanto, Maria Madalena foi a primeira pessoa a ver o Ressuscitado, a escutar e a falar com ele. Foi à primeira a ser enviada por Ele. Tem por excelência, a primazia apostólica. Tem, sobretudo, o primado do amor. Essa primazia se estenderá em Maria, vista no canto do Magnificat (do nome hebraico מִרְיָם, transl. Miriam) a serva fiel que corresponde à vontade d'Aquele que o chamou para transbordar o seu amor.

Maria do Magnificat é o prenúncio de um novo tempo revelando a grandeza e a misericórdia de Deus

Maria do Magnificat (Lc 1,46-55) é uma característica própria de Maria uma mulher totalmente livre, forte e pobre que o evangelista Lucas relata no mundo bíblico de forma peculiar descrevendo minuciosamente a respeito da genealogia de Jesus. Ciente que a exploração das mulheres era grave em seu contexto social, Lucas se preocupou muito com o universo feminino. O evangelista procurava observar as ações de Jesus e como as recebeu e teve empatia com elas, uma forma de animar as mulheres de seu tempo.

Sob esse prisma, era admirável a perspectiva de Lucas em relação às mulheres, especialmente diante do rigor das sociedades patriarcais romana e grega. O evangelista Lucas, logo no início de seu Evangelho (cf. Lc 1-2), apresentou Isabel, Maria (com hino da libertação) e a idosa Ana, a fim de serem referências para as mulheres que habitavam as periferias das cidades do mundo helênico-romano.

Na verdade, o objetivo era mostrar como Jesus, na evangelização, teve atenção especial para com elas, compadeceu-se com a viúva de Naim (cf. 7,11-17) e acolheu com misericórdia, uma mulher de má reputação (cf. 7,36-50). Essa ousadia enobreceu o seu grupo, que realizou muitos percursos pela Galileia e se deslocou com coragem, para Jerusalém sempre com a presença feminina (cf. 8,1-3). Essas mulheres além de caminharem com Jesus foram missionárias, tornando-se referência para as novas cristãs na civilização grega.

É interessante notar que Lucas acompanhou passo a passo a caminhada de evangelização de Jesus em relação às mulheres. Ele enfatiza a agregação da mulher hemorrágica (cf. Lc 8,43-48), mostra a sensibilização de Jesus ao chefe de uma sinagoga, Jairo, dando vida à sua filha (cf. Lc 8,49-56), enfatiza a questão familiar de suas amigas, Marta e Maria a fazerem o discernimento da Palavra (cf. Lc 10, 38-42) e realiza um ato imaginável no mundo patriarcalista ao revelar o relato da mulher que ecoou sua voz no meio da multidão para elogiar a Maria, a Mãe de Jesus. Nesse sentido, deu uma dimensão mais profunda, além da biologia ao mostrar que a verdadeira bem-aventurança é escutar a Palavra e praticá-la (cf. Lc 11,27-28).

Neste percurso, outro fator importante, é que Lucas apresentou aquele grupo feminino de 8,1-3, agora, corajosamente, presente na paixão e morte de Jesus (cf. Lc 23,55-56) e por fim, descreveu o testemunho feminino após a ressurreição (cf. Lc 24,1-11). Essas peculiaridades são para exaltar a participação e atuação das mulheres no decorrer da história.

Essa narrativa abordada por São Lucas não é dividida em quatro "blocos" formais, mas sua forma se narrar pode ser organizada tematicamente para destacar os principais pontos de vista. Sendo assim, destaca: a universalidade da salvação de Jesus, sua misericórdia pelos marginalizados, a presença feminina e a humanidade de Jesus como homem perfeito, apresentando uma perspectiva para os gregos. Esses temas se desdobram em relatos sobre o nascimento, ministério, sofrimento e ressurreição, mostrando que Jesus veio para todos, especialmente os pobres e esquecidos. Os temas principais do Evangelho de São Lucas abordam Jesus como Salvador Universal enfatizando-o que a mensagem é para todos, independentemente de origem ou cultura.

Dentre esses temas, destaca a misericórdia, compaixão com os marginalizados, ao mostrar uma relação de amor ao próximo que transcende fronteiras, a humanidade e a divindade de Jesus que retrata como o homem perfeito, dando detalhes sobre seu nascimento e infância, a ação e o poder do Espírito Santo que foi fundamental ao ministério de Jesus em que Ele prometeu dar esse mesmo Espírito aos seus filhos. Inclui também, a respeito do símbolo associado ao próprio Lucas que é o Boi (ou Touro): que se relaciona com o início de seu evangelho, quando ele fala sobre sacrifícios de animais no templo. É também associado ao sacrifício de Jesus e à representação de Jesus como um homem perfeito que se oferece para a salvação de todos.

O episódio do cântico de Maria tem a finalidade de apresentar a introdução no texto da visitação a Isabel, além de exaltar a ação de Deus na vida destas mulheres, narrada mais do que uma história de família, pois evidenciam o esplendor de um Evangelho de salvação messiânica (STURHLMULHLLER, 1975, p. 33). Foi justamente o encontro destas mulheres

da margem (Ain Karin e Nazaré) emudecidas pela sociedade, que foram apresentadas o seu espaço e suas vozes, porque o Senhor, Deus Altíssimo o desejou que estas extravagassem o louvor, a alegria das pessoas pobres e humildes (cântico de libertação). O texto bíblico mostra que foi Isabel, com a criança que estremeceu no seu ventre pulando de alegria (cf. Lc 1,41), quem usou a palavra bendito (a), referindo-se diretamente ao menino das entranhas de Maria, e a ela “bendita entre todas as mulheres” (cf. Lc 1,42-45).

Essa narrativa que Lucas descreve, mostra o quanto ele foi perspicaz, ao mostrar uma visão de Deus que se inclina para os pobres e pequenos. E mais! Foi um comunicado direto aos leitores masculinos. O cântico de louvor de Maria e Isabel, conhecido como o "Magnificat" e a "Saudação de Isabel", celebra a ação de Deus, a fé e a humildade. O significado principal é a exaltação da soberania divina e a sua intervenção na história, com o louvor direcionado a Deus como salvador, e não às próprias pessoas. O encontro de ambas é na verdade um símbolo de adoração e de esperança, em que uma reconhece a santidade da outra como a mãe do Messias. Com esses louvores encerram o Antigo Testamento. Ali estão duas crianças nos úteros maternos: João e Jesus. Começou para Lucas o Novo Testamento (FERREIRA, 2023, p. 164) que permeia em seus textos o posicionamento de mulheres que anunciarão a salvação messiânica. O encontro destas duas mulheres eclodiu a novidade, antes silenciadas pelo sistema, agora fazem parte do caminho rumo a Jerusalém.

É bela essa estratégia do redator, pois sua intenção é direta. É derrubar todas as cercas que enclausuravam as mulheres. Isabel que antes era vista como uma figura frágil, de idade avançada, impossibilitada de ter filho (estéril), ou seja, de não tinha nenhuma esperança humana. Foi essa mulher, dotada de um olhar profundamente humano e carente de total atenção e cuidados, quem saudou Maria não apenas como a ‘bendita’, mas como “bem-aventurada” (Lc 1,42.45). É justamente essa mulher enfraquecida, agora forte, que invocou o cântico de Maria e mesmo marginalizada soltou sua voz.

Após essa modulação, em resposta a Isabel, Maria entoou um cântico de vários salmos em um só, que explicita não só uma espiritualidade dos pobres do SENHOR, mas um cântico de esperança, anunciando que a salvação chegou a partir dos עֲנָוִים “anawim” (pobres e humildades). Lucas, certamente conhecia com detalhes o Antigo Testamento e coloca na boca de Maria esse cântico como forma de enaltecer a figura feminina, que até então era repudiada. Agora, neste novo tempo, ela se torna protagonistas da sua própria história.

Vale ressaltar, que esse novo salmo elaborado por Lucas traz uma peculiaridade especial, como um ambiente da comunidade dos pobres de Deus (anawim), solidificado como espiritualidade dos humildes e pequenos. É bom frisar isso, para se tirar a ideia de que só havia

um judaísmo. Essa conotação do judaísmo dos pobres é aquele mesmo do livro de Rute, que veio do profeta Sofonias (cf. 2,3; 3,11-13). Esse judaísmo era aberto e comunitário (FERREIRA, 2023, p. 165). Essa observação de Lucas é constatada após sua pesquisa tendo a seguinte conclusão: não havia só grupo de judaísmo de elites que esperavam pelo Messias, mas grupos de modos diferentes. Com isso, ele percebeu que o ponto de referência era Maria e, portanto, colocou o Magnificat em sua boca, porque provavelmente, ela tinha toda a mentalidade da poesia do texto. Foi esse judaísmo dos pequenos que acolheu e abraçou a simplicidade do Senhor. Conhecido nas Sagradas Escrituras como os “anawim” עֲנָוִים, participantes do projeto de Deus que não só agrega, mas age e realiza a sua verdadeira justiça: “que é defender o pobre e o fraco contra as estruturas que o exploram e o oprimem” (STORNILO, 1992, p. 22).

Sob esse aspecto, a respeito da força da justiça é que denota a inversão das situações sociais diante daqueles que orgulhosamente exploram (STORNILO, p. 22). O redator Lucas, é minucioso em sua elaboração, escrevendo uma narrativa plausível para justificar a suma importância deste cântico, usando vários textos para descrever toda realidade. Uma construção teológica para mostrar os preferidos de Deus, levando adiante seu projeto de salvação. Maria como ‘anaw’, é a preferidíssima de Deus, e se coloca entre Israel (cf. Dt 26,6-9): que saiu do Egito para uma terra onde correm leite e mel e Jesus (cf. Fl 2,5-11) (GHIDELLI, 1981, p. 76).

O hino do Magnificat de Maria, não é só um canto que acende as luzes de duas mulheres que clareavam o caminho dos pobres e humildes, mas sintetiza as esperanças e utopias dos pequenos que enxergavam o Deus da vida que não abandonava os seus preferidos. Nessa trajetória, o hino transparece a dura inquietação de uma situação política vivida por Israel e pelas comunidades dentro do Império Romano, da civilização grega e da elite do judaísmo. Esses sistemas oprimiam o povo de Israel. Somado a isso, os conflitos externos agravavam as tensões internas de grupos que buscavam saídas libertadoras dentro da própria nação.

Com todo esse caos social, foi descrita a visitação de Maria (margem do norte) à Isabel (Ain Karin). Nessa narrativa (cf. Lc 1,39-45), vê-se uma mulher livre, determinada e destemida que partiu e colocou-se a caminho (típico de Lucas), para a casa (termo caro ao evangelista Lucas) de sua prima Isabel. Essa postura revela uma mulher livre, que não se submetia à estrutura coercitiva de um sistema patriarcal cuja finalidade era não apenas coibir as mulheres, mas também submetê-las a práticas degradantes. O texto assinala que ela foi, sem medo, ao encontro de outra mulher, até então desamparada.

O que se observa, neste encontro de Maria e Isabel, é que a ótica de Lucas à figura feminina era totalmente preponderante. Elas carregavam, dentro de si, um profeta (João

Batista), e o Messias Salvador (Jesus) esperado pelos anawim. O menino João reagiu nas entranhas, à presença promissora de Maria grávida, mulher livre que se apresentou totalmente forte, ecoando sua voz, sem ter medo de quaisquer poderosos. A voz feminina não era bem quista pelo patriarcado, pelos poderosos, e muito menos pela elite israelita detentora da fala masculina.

O autor reporta, Maria como uma mulher forte que rompe esse paradigma. Ela surge como uma figura ilustre e sem medo relatada no NT. Dessa forma, é apresentada como uma personagem que anunciou a Palavra libertadora aos pobres e a proclamou, entoando um projeto novo: os pobres, em comunidade, terão novas relações, como ela teve com a outra ‘anaw’, Isabel (FERREIRA, 2023, p. 170).

Todas as mulheres que não eram silenciadas tinham muito a dizer, mas permaneciam sem voz diante da tirania dos poderosos. Provavelmente, Isabel tinha conhecimento de algumas falas femininas do AT, ou seja, de Agar, Tamar, Raab, Míriam, as cinco filhas de Salfaad, Débora, Rute. Ela deve ter intuído que Maria era bendita entre todas as silenciadas e as que falaram.

Diante desses cenários tão desafiadores na vida destas mulheres, compreende-se que o protagonismo feminino influenciou as gerações futuras, motivando-as a conquistar com excelência sua voz, o seu espaço em suas respectivas realidades. Essa constatação só ratifica, que além destas figuras femininas contarem com ação divina, o Deus libertador, este nunca compactou com as injustiças dos tiranos aplicadas sobre as mulheres e as pessoas de mais vulnerabilidade. Emudecer as mulheres foi uma ferramenta que a estrutura patriarcal utilizou para restringir seu espaço na sociedade, mas foram surpreendidos por algumas mulheres que não se curvaram e conquistaram seu espaço de modo excepcional.

Diante das transformações sociais em curso na sociedade hodierna, observa-se a presença de figuras ilustres em diferentes esferas: na política, educação e vida consagrada, que se constituem como vozes ativas. Elas ultrapassam a mera representatividade simbólica, consolidando-se como mulheres preponderantes que influenciam o mundo. Por meio de estratégias fundamentadas na sabedoria, afirmam seus direitos constituídos para exercerem, com excelência, seus respectivos papéis em diálogo com as mulheres das Sagradas Escrituras.

Considerações Finais

A história, em suas narrativas, evidencia a atitude e a postura firmes dessas mulheres da Bíblia, ressaltando, ao longo do tempo, seus avanços e as estratégias mobilizadas para enfrentar o patriarcalismo exacerbado. Essas figuras, que por um período foram silenciadas pelo

sistema, passam a se destacar diante de um reflexo que enaltece seu legado contemplado não só no AT, mas também no NT. Não mais vistas como figuras frágeis, irrelevantes ou subalternas, mas como mulheres ousadas, determinadas, imponentes e inspiradoras, afirmam-se com força e fé, muitas vezes à frente de seu tempo. A trajetória dessas mulheres das Sagradas Escrituras, assim como as das santas da Idade Média e da Idade Moderna, revela um movimento significativo que inspirou outras figuras femininas como Gertrudes de Helfta, Hildegarda de Bingen, Isabel, Petronila, Cecília, Inês, Catarina de Alexandrina, Bakhita, Martinha, Ágata, Luzia, Clotilde, Clara de Assis, Rosa de Lima, Rainha Isabel, Brígida, Catarina de Sena, Rita de Cássia, Francisca Romana, Joana d'Arc, Teresa de Ávila, Madalena de Canossa, Francisca Cabrini, Teresa de Lisieux, Teresa Benedita da Cruz, Santa Josefina Vanini, entre outras, tornando-se referências não apenas na Igreja, mas também na sociedade. Elas, com afresco extraordinário, e inesperado de coragem, liberdade, autonomia — virtudes modernas que as mulheres de hoje buscam praticar — realizam uma síntese complexa, mas não impossível, com o amor, cuidado e alegria de serem elas mesmas, sem perder sua ação e atuação como protagonista na sociedade. Esta reflexão constitui um breve ensaio que busca salientar esse percurso, sem a pretensão de esgotar essa trajetória da memória feminina. É, na verdade, um modo de reconhecer que esses retratos refletem mulheres que mergulharam nas Sagradas Escrituras e lutaram para exalar sua potencialidade e seus papéis preponderantes.

Deste modo, fazer memória destas personagens de grandes destaques é uma forma de recordar, homenagear e garantir uma visibilidade às figuras femininas tanto do AT, quanto do NT, já não mais com os olhares convencionais, mas fixos diante de suas trajetórias que as tornaram provedoras, interventoras em uma conjuntura patriarcal que, ao longo do tempo, as desdenhava e as tratava como subalternas. A constante tentativa de dissuadi-las visava intimidá-las, subjugar-las e levá-las a acreditar que eram incapazes de agir no contexto patriarcal e no mundo.

As mulheres da Bíblia, ao longo do tempo, conquistaram o seu protagonismo feminino e revelaram a importância da figura feminina no plano de Deus, bem como a necessidade de valorizar e reconhecer seu papel em diferentes esferas da vida, sem perder sua essência e sua feminilidade. Neste horizonte, o artigo aponta o protagonismo de diversas figuras femininas que, por meio de ações visionárias, e, muitas vezes, sacrificiais, conquistaram seu espaço, deixaram um legado significativo, vivendo com excelência seu nobre chamado.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA DA MULHER DEVOTA. Aparecida: Santuário, 2022.

CAVALCANTI, T. **O profetismo das mulheres no Antigo Testamento**: perspectiva feminina de atualização. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, 1986.

ESTEVES, E. **A mulher na tradição do discípulo amado**. In: *Ribla*, n. 17, p. 65-74, 1994.

FERREIRA, A. J. **Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia**: resistência ao patriarcalismo. São Paulo: Paulus, 2023.

GHIDELLI, C. **Luca**. Roma: Paoline, 1981.

STORNIOLO, I. **Como ler o livro de Judite: a viúva que salvou o seu povo**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

KING, P. J. **Los Números**. Santander: Sal Terrae, 1969.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João**: análise linguística e comentário exegetico. São Paulo: Paulinas, 1989.

MARTINI, C. M. **O Evangelho segundo João**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MESTERS, C. **Como ler o livro de Rute**: pão, família, terra. São Paulo: Paulus, 1991.

QUIRINO, A. T. **Teologia da escuta: palavra e rito de experiência litúrgico-cristã**. 2022. 378 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

STURHLMULHLLER, C. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

SUZUKI, O. C. C. F. **A justiça de Tamar**: estudo exegetico de Gênesis 38. São Paulo: Fons Sapientiae, 2024.

TESTA, E. **Genesi**. Roma: Nuovíssima Versione della Biblia, 1983.